

A BIC LIGA DE PARIS, FRANÇA

Naquela tarde de verão, eu tinha decidido ir para as montanhas.

Lá na cidade, a temperatura tinha chegado a 42 graus Celsius. A Calábria Saudita nos lembrava como era o calor do deserto. Ainda não tínhamos sido admitidos na OPEP, a Itália continuava se recusando a nos deixar ir embora, e Bruxelas apresentava uma conta diferente a cada dia, cada uma exigindo um novo sacrifício.

Sem conseguir deixar de refletir sobre como eu passava os meus dias, sorri dos acontecimentos recentes e pensei em como a humanidade podia ser frágil dentro das histórias, dentro dos pensamentos, e ao reler as mensagens guardadas no celular.

Poucos dias tinham se passado desde que todo o conselho de administração da BIC France deixara a minha cidade. Chanel partiu logo depois e, menos de vinte e quatro horas mais tarde, me mandou uma mensagem pelo Telegram.

Dizia:

“A mulher do hotel me deu o seu número de telefone. As mulheres sempre trocam essas pequenas gentilezas entre si. Fiquei realmente feliz em conhecer você, e gostei de você não ter feito o que a maioria dos homens costuma fazer. Você prestou atenção na minha mente, e não só no meu corpo.

Mas, falando com franqueza, como mulher, acredito que isto não é o fim. Não é uma promessa; é muito mais do que isso. E as mulheres nunca desistem das coisas impossíveis.

A gente se fala em breve.

Beijos,

Chanel.”

Eu estava prestes a guardar o celular e sumir no meio da natureza quando chegou outra ligação.

O código do país era o de sempre.

+33. França.

Chanel queria falar comigo.

Não atendi de imediato.

Na verdade, só atendi na quarta tentativa, cada ligação chegando quase exatamente cinco minutos depois da anterior.

Eu queria entender até que ponto o assunto era de fato urgente e importante, e essa era a única estratégia que me permitia medir isso direito.

Era um dos segredos que a Mãe Gillette tinha me ensinado.

Nunca ofereça a sua disponibilidade total.

Não se deixe alcançar com tanta facilidade.

Torne-se algo valioso, quase um objeto precioso.

Só então o seu valor vai aumentar, e só então as pessoas vão olhar para você do jeito certo.

Por fim, chegou o momento de atender.

Ela parecia irritada e logo perguntou onde eu tinha me metido.

Era importante.

Era urgente.

Precisávamos de outra reunião.

Mas desta vez, disse ela, seria no mais alto nível.

“Quem é?”, perguntei. “O Papa do Vaticano?”

“Não”, respondeu ela, rindo. “Você é sempre o mesmo.”

O comentário quase sugeria que ela já tinha chegado a me conhecer.

Então ela continuou.

“A família que detém a maior participação acionária da BIC quer conhecer você. E, por estranho que pareça, até para mim, são todas mulheres. Nenhum homem.”

“Você vem a Paris?”

“Preciso ver quanto custa o camelo disponível”, respondi. “Além disso, você sabe que eu vivo com muito pouco.”

“Eu sabia que você viria por um único motivo”, respondeu ela.

“Lendo os seus livros, percebi que você nunca diz não às mulheres. É uma questão de elegância, estilo e classe. Qualquer pessoa que leia a sua obra percebe isso.”

“Por favor, não me faça corar”, eu disse. “Até porque, pelo telefone, você nunca ia perceber. E quando exatamente você gostaria que eu fosse?”

“Quando quiser. Não é preciso marcar hora. Elas vão encontrar você num café da Champs-Élysées. Pode pedir o que quiser para beber.”

“Vou me organizar e aviso você em breve.”

“Até logo.”

“Até logo.”

Depois que a ligação terminou, fiquei muito tempo pensando.

Mas nenhum pensamento jamais alcançaria a realidade contida na improvisação de mulheres extraordinárias.

Ferdinando